

GOSTOS E GESTOS DE LEITURA DE PERSONALIDADES FAMOSAS BRASILEIRAS NO DIA NACIONAL DO LIVRO

Jessica Boquetti de Oliveira Braga¹

Luzmara Curcino Ferreira²

Resumo: A pesquisa realiza uma coleta de dados e análise discursiva sobre o que leem, ou o que declaram ler, as pessoas com visibilidade midiática. Certos consensos sobre a leitura são compartilhados e reproduzidos socialmente por parte dessas personalidades, bem como o prestígio que essa prática dispõe em nossa sociedade. Neste artigo, especificamente, analisamos os gestos de leitura de famosos brasileiros que, por conta do dia nacional do livro, são questionados sobre suas práticas de leitura, se apresentando como sujeitos leitores.

Palavras-chave: práticas de leitura; representação discursiva do leitor; análise do discurso.

Abstract: This research performs a data collection and discursive analysis of what people with media visibility read or what they state to read. Certain consensuses about reading are shared and socially reproduced by such personalities, as well as the prestige that this practice has on our society. In this article, we analyze the reading gestures of brazilian celebrities that, dure the National Book Day, are questioned as subject readers.

Keywords: reading practice; discursive representation of the reader; discourse analysis.

Introdução

Em seu ensaio intitulado “A leitura”, Barthes e Compagnon (1987) definem essa prática de acordo com seu uso e sua concepção bastante variada, conforme as diversas esferas que dela se valem e sobre ela enunciam. Eles destacam como, ao longo da história, a leitura foi caracterizada como uma prática letrada de prestígio e por isso elitizada, o que a tornou, não raras vezes, fonte de discriminação dos sujeitos, por sua apropriação restrita, ligada inicialmente à religião e a outras esferas de poder, ao longo do tempo. Para esses autores,

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

² Professora Dra. do departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

durante a Idade Média e posteriormente, ao longo do Renascimento, a leitura era uma prática rarefeita, ensinada e praticada como um exercício, de maneira regular, com horários fixos pelos poucos e raros leitores, em geral ligados à igreja, e apenas de textos sagrados e/ou de “bons” autores, com o intuito de alcançar certo enriquecimento religioso e humanístico. Com o advento da burguesia, houve uma organização do ensino laico, no qual a leitura ganha foco e passa a ser reconhecida como uma atividade, com objetivo de desenvolver a inteligência crítica.

Os autores reconhecem que essas práticas antigas perduram ainda hoje, e essa multiplicidade de concepções e usos da leitura se explicam porque “[...] o objeto leitura é heterogêneo ou pelo menos bipartido, no plano da apreensão e no plano do valor” (BARTHES; COMPAGNON, 1987, p. 187). Para eles, essa relação de distinção, adquirida tanto pela prática, quanto pelo objeto livro, determina ainda hoje o seu valor, e o seu prestígio, seu domínio sendo reconhecido, portanto, como “um privilégio, um índice de nobreza” de modo que se reitera por meio de discursos compartilhados que circularam e que circulam com frequência, reafirmando essa visão idealizada desta prática.

O livro impresso ocupa, ainda hoje, um lugar de alto valor na sociedade, sendo utilizado como instrumento de distinção dos sujeitos, fato esse que está presente na circulação dos enunciados compartilhados sobre a leitura, o que permite a constituição de um *ethos* de prestígio entre os sujeitos, leitores e não-leitores.

Houve um aumento e maior alcance das novas tecnologias digitais de informação e comunicação que, desde o final do século XX, mas sobretudo no início deste século XXI, vem ganhando força e influenciando nosso cotidiano, bem como, mudanças em nossas práticas de leitura e escrita. A rede *web*, portanto, passa a ser um dos locais privilegiados de circulação de textos, a qual utilizamos na busca por enunciados que manifestem práticas de leitura. Para tanto, analisamos *sites* variados, dos quais podemos localizar formas distintas de referenciação da leitura, ou seja, especificamente, como sujeitos midiáticos se manifestam acerca dessa prática, o que entendem por leitura e por “ser” leitor (Cf. CURCINO, 2016).

A leitura dos famosos no dia nacional do livro

Notamos durante nossa pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Práticas de leitura e sua legitimação: análise discursiva das formas de aconselhamento do que ler na web” que são frequentes as declarações sobre a leitura por parte de famosos em ‘entrevistas’ concedidas ou publicadas em *blogs* e *sites* de comunicação, como revistas *onlines*, figurando, normalmente, em colunas de “Entretenimento”, em que conjuntamente circulam notícias e entrevistas relacionadas a diversos temas, sobre a vida de celebridades, como curiosidades, *hobbys*, etc.

Em geral, em entrevistas, o tema da leitura não é evocado espontaneamente pelo entrevistado, mas induzido por meio de questões relativas ao tema realizadas pelo próprio entrevistador, tais como: o que estão lendo no momento; se são leitores; quais são seus gostos por um gênero e estilo literário, e o que indicariam para a leitura. A própria pergunta relativa a esse tema, nos indicia a importância e o prestígio dessa prática dentre outras.

Vamos nos ater aqui ao UOL³, que é um portal de grande alcance, com ampla gama de conteúdos e público. A matéria que selecionamos para análise encontra-se na categoria “Entretenimento”, onde temos o subtítulo de “UOL TV e famosos”. Intitulada “No Dia Nacional do Livro, famosos mostram o que estão lendo”⁴, ela conta com a junção de um enunciado não-verbal (fotografia) em destaque, com o enunciado verbal, e essa publicação data o dia 29 de outubro de 2014.

Não fica claro nessa publicação se houve ou não uma entrevista na forma tradicional como a concebemos ou se os seus produtores empreenderam um levantamento genérico de informações em fontes indiretas. Ainda que não tenhamos tido acesso à clássica lista de perguntas e respostas, muito possivelmente os famosos foram questionados sobre o que leem, por se tratar de uma matéria do dia nacional do livro.

A matéria traz 30 artistas, todos de nacionalidade brasileira e em sua maioria personalidades envolvidas com a TV aberta, como atores e apresentadores, mas também cantores, autores, humoristas e modelos que frequentam sua programação, e até mesmo um

³ Disponível em: <<http://www.uol.com.br/>>.

⁴ Disponível em: <<http://celebridades.uol.com.br/album/2014/10/29/no-dia-nacional-do-livro-famosos-mostram-o-que-estao-lendo.htm>>.

político como Jean Wyllys, que seria entre os políticos um dos que mais se identifica ao tipo de celebridade midiática a que outros pertencem.

Um dado interessante é a origem dos livros citados: de 29 títulos, 8 são de autores brasileiros, enquanto 21 pertencem a autores estrangeiros, sendo os norte-americanos os mais frequentes. Esse dado nos revela um traço relativo à forma de produção e circulação de livros de sucesso em nossa cultura ocidental, em que o poder de produção simbólica dos EUA é sentido em todos os países do ocidente, com especial força entre nós: o país influencia nossa moda, cinema, música, e como vemos agora, a literatura. Essa influência dos autores norte-americanos pode ser relacionada ao fato do seu mercado editorial ser um dos maiores do mundo, contando com 85 mil editoras⁵ no país e exportando sua literatura para o mundo todo. A força que a língua inglesa exerce como língua de contato no mundo também não é desprezível, de modo que o mercado editorial da tradução do inglês para outras línguas também desempenha papel importante nesse cenário.

Temos uma variedade de gêneros citados comprovada nessa lista: romances, biografias, autoajuda e algumas áreas específicas, como filosofia, medicina, política, etc., contudo, o mais frequente é o romance, aparecendo 8 vezes, seguido das biografias e autobiografias, que aparecem 7 vezes, e da autoajuda, aparecendo 4 vezes.

O modelo, ator e DJ Jesus Luz é um dos famosos da matéria, ele cita o livro “Reinventing the Body, Resurrecting the Soul” de Deepak Chopra, que é um livro de autoajuda e, um dado interessante é que, na imagem em que posa com o livro, vemos que apesar de ser um título já traduzido para o português (Reinventando o Corpo, Reanimando a Alma), o modelo realiza a leitura do livro original em inglês.

⁵<http://agendapesquisa.com.br/mercado-editorial-nos-eua/>

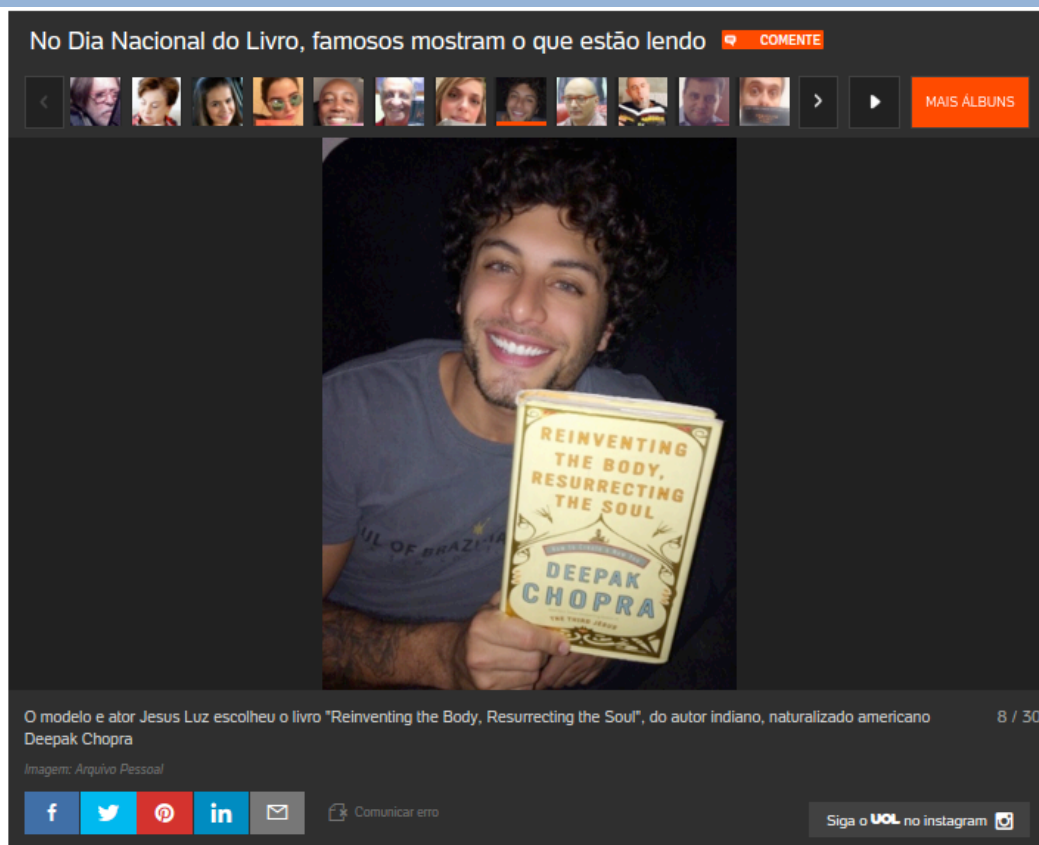


Figura 1. Entrevista UOL: Jesus Luz

Assim, a credibilidade daquele que fala sobre a leitura constrói-se não apenas em função de sua ostentação da leitura de um livro, não de qualquer livro, mas também da leitura de um livro em outra língua, não de qualquer língua. Orientado ou não por profissionais que atuam na assessoria de famosos para ajudar a construir uma imagem pública positiva, esse famoso cita uma obra que pode contribuir para quebrar o pré-construído de que atores/modelos são incultos e/ou burros, mostrando com tal ato (a possibilidade da leitura em outro idioma) a negação desse estereótipo.

Um segundo caso interessante dessa lista é o do ator Flávio Galvão, que indica a leitura do livro “A preparação do ator” de Constantin Stanislavski. Seu gênero é Teatro e em sua sinopse⁶ em livrarias *onlines* o aponta como um “[...] livro-fonte para os que se dedicam ao teatro como profissionais, amadores ou espectadores ativos, e também é um trabalho literário, pois o autor adota recursos emprestados de ficção para transmitir seus conceitos e

⁶ Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/p/a-preparacao-do-ator-87668>>.

sugestões”. A indicação de leitura desse título pelo ator não se faz de maneira aleatória. Ela se vale da imagem do que é ser leitor, mas também da imagem do que é condizente e simbolicamente importante declarar como lido, em função de seu pertencimento a certos grupos sociais ou de trabalho. Sendo um ator, é compreensível que se mostre como leitor de um livro prestigioso da sua área profissional, indicando uma leitura não apenas por prazer ou entretenimento, mas também de formação.



Figura 2. Entrevista UOL: Flávio Galvão

O enunciado verbal, abaixo da fotografia, é o seguinte: “O ator Flávio Galvão, que interpreta o bígamo Reginaldo em ‘Império’, está revisitando o livro ‘A Preparação do Ator’ de Constantin Stanislavski. ‘Minha geração modificou o modo de atuar por causa deste método. E vira e mexe dou uma relida nele’, declarou o ator”. Nessa declaração duas representações são importantes: de um lado, a que se refere à ‘utilidade’ do livro, ou seja, de sua funcionalidade pragmática; de outro, a afirmação de que se trata de uma releitura, o que

além de reforçar o caráter de leitura de estudo, de aprendizagem, de trabalho, e não por *hobby* como vemos em outros casos, também explora a ideia de que certos textos merecem ser relidos, não qualquer um, não de qualquer modo, como é o caso dos clássicos. Reitera também a imagem de que um ator mais velho não pode estar lendo um livro desses pela primeira vez, mas sim relendo-o. Trata-se de reiterar uma imagem de leitor profissional, de verdadeiro leitor, do leitor que conhece certos textos, que sabe selecionar e atribuir o prestígio que alguns merecem, e que justifica sua releitura. Esse enunciado pode ser pensado com uma construção de um *ethos* de um profissional dedicado à sua profissão, que busca pelo estudo melhorar, se desenvolver como ator, e de um verdadeiro leitor.

Outro caso interessante é o do deputado federal Jean Wyllys, que vemos abaixo:

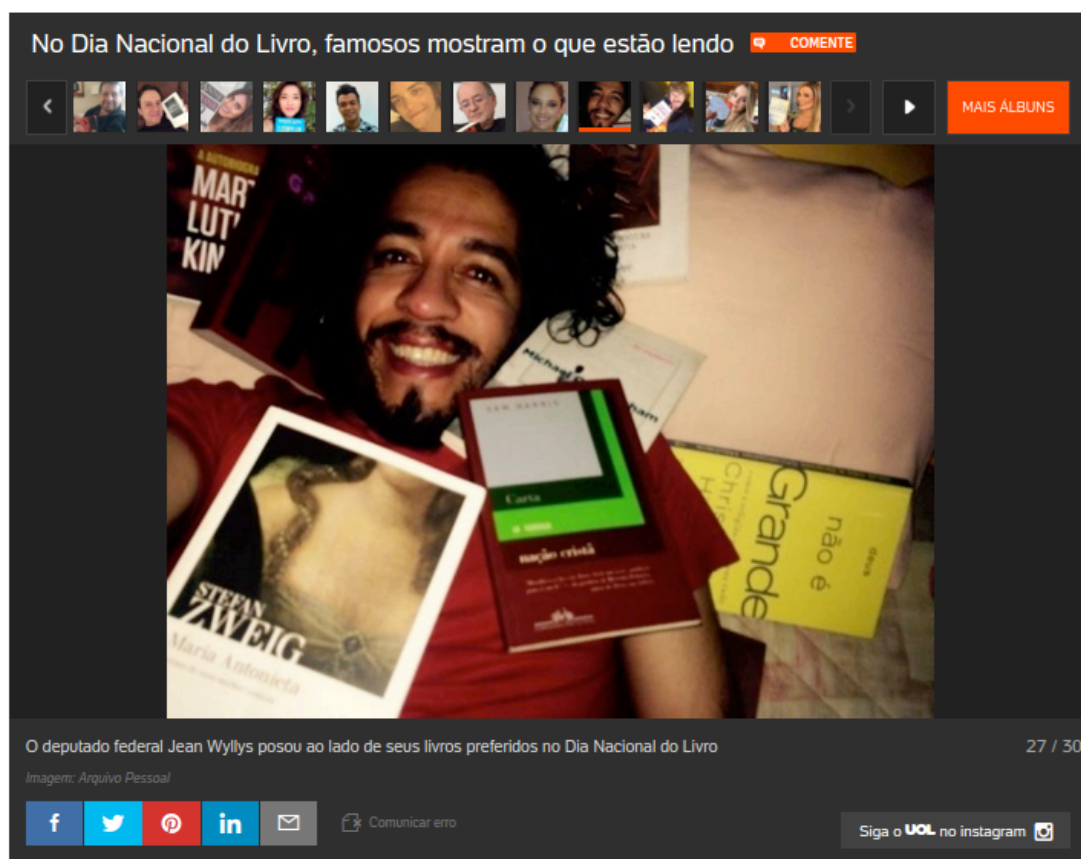


Figura 3. Entrevista UOL: Jean Wyllys

A imagem mostra o deputado deitado, envolto por alguns livros e, apesar de não indicar títulos específicos e de não conseguirmos reconhecer todos eles pela fotografia, apresenta e reitera uma imagem recorrente do que é ser um bom leitor: aquele que lê sempre,

lê livros, muitos livros, não qualquer um, mas títulos validados sócio-culturalmente. Essa imagem corresponde por exemplo àquela que se manifesta até na forma de coleta de dados para pesquisas, como é o caso da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil⁷, para a qual, para se considerar alguém como leitor, é preciso que se tenha lido pelo menos um livro, inteiro ou em parte, nos últimos 3 meses, portanto, aquele que declara não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses é definido pela pesquisa como não leitor.

Essa definição de leitor e não leitor da pesquisa nos mostra que para ser leitor, em algumas circunstâncias, tem menos peso o gênero do livro, seu prestígio ou não (é um clássico ou não?), desde que seja feita a leitura desse objeto livro, e que essa prática seja exercida com frequência, dito de outro modo, seja quantitativamente relevante.

Considerações Finais

Os discursos sobre a leitura são construídos historicamente e compartilhados socialmente desempenhando importante papel na construção da imagem pública dos sujeitos. A leitura, como prática, é muito valorizada em nossa sociedade e por isso é empregada como forma de ostentar uma imagem de prestígio, ao mesmo tempo em que produz o seu avesso, ou seja, a estigmatização da não-leitura e daqueles considerados não-leitores. A ostentação da condição leitora não apenas constrói um *ethos* positivo dessas celebridades que posam e falam de si como leitores como também garantem certa aproximação com o público a que se dirigem. O livro entra aqui como um instrumento, uma ferramenta, um meio de autopromoção.

A diferença perceptível hoje em relação ao que era considerado como leitura legítima refere-se à amplitude de gêneros dos textos lidos que vemos nessas representações dos leitores, ainda que os clássicos apareçam, temos uma grande variedade de gêneros: o romance ainda aparece em maior quantidade, porém livros de autoajuda, política, religião e biografias apareceram em diferentes momentos, pontuando essa variação. Isso pode indiciar uma relativa mudança nas formas de valoração da leitura e do perfil leitor brasileiro, e uma maior abertura

⁷ Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>.

quanto ao que garante prestígio nessa relação de apresentação de si como leitor. É como se importasse mais que se leia do que o que propriamente é lido.

A leitura, em especial a leitura com a finalidade de entretenimento, e de certos títulos, continua gozando de uma representação de prestígio, ainda que possamos observar hoje uma menor estigmatização de certos gêneros, dada sua ampla circulação, o que os torna populares, figurando nas listas de mais vendidos, e com isso de certa forma são validados, mesmo que pelos não especialistas no tema, e mesmo circulando de modo diferente dos cânones.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2001a. p. 139-157.

_____. *Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil*. Belo Horizonte: O eixo e a roda, 2013, v. 22, n. 1, p. 15-39. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/5363/4769> Acesso em: 16 ago. 2016.

_____. Quem lia no Brasil colonial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: INTERCOM, 2001b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4ABREU.pdf>> Acesso em: 08 mar. 2011.

_____. Diferentes formas de ler. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: INTERCOM, 2001c. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 06 ago. 2010.

BARTHES, R.; COMPAGNON, A. *Leitura*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987. v.11, p.184-206.

BARZOTTO, V. H.; BRITTO, L. P. L. *Promoção da leitura x mitificação da leitura*. Boletim ALB, Rio de Janeiro, n. 3, 3 p., ago. 1998.

BAYARD, P. *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

_____. Leituras “populares”. In: _____. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 141-167.

COURTINE, J. -J. O Chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs). *Os múltiplos territórios da Análise de Discurso*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999.

CURCINO, L. *Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA*. 2006. 337 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102356/ferreira_lc_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 12 mar. 2016.

CURCINO, L. Discursos hegemônicos sobre a leitura: uma análise de formas de divisão social dos leitores no Brasil. In: CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. SARGENTINI, V. (orgs.). *Consensos e resistências no discurso: as formas das (in)subordinações contemporâneas*. São Carlos: EDUFSCar, 2016.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, E. A produção da leitura e suas condições. In: BARZOTTO, Valdir. *Estado de leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

_____. *P. Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

POSSENTI, S. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2001.

SANTOS, R. B. R.; & CURCINO, L. *Projeto de pesquisa “Dicas de quem já leu”: uma análise discursiva das representações de leitura inscritas em depoimentos de leitores postados no blog do Galeno*, (mimeo), 2014.

SANTOS, R. B. R.; CURCINO L. *De onde advém a legitimidade discursiva daqueles que indicam o que ler no Blog do Galeno?* Caderno de Resumos do Colóquio 30 Anos com Foucault. UNESP – FCLAr. Disponível em: <<http://30anoscomfoucault.blogspot.com.br/p/resumos-dos-trabalhos.html>>. Acesso em 10 jul. 2016.

SOARES, M.. Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, Aparecida [et al.] (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica. 2008. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/verbo_transitivo.htm>. Acesso em: 15 nov. 2012.

VARELLA, Simone Garavello; CURCINO, Luzmara. *Os discursos incentivadores da leitura: uma análise de campanhas em prol dessa prática*. In: Anais eletrônicos do Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos E Literários – Cielli, 2. Maringá, 2012. Disponível em: <http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/1685_arq_1.pdf>. Acesso em: 12 set. 2012.